



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Ana Julya Santos Oliveira

MULHERES E A ABORDAGEM SOBRE AS IST: REVISÃO NARRATIVA

Goiânia
2022/2

Ana Julya Santos Oliveira

MULHERES E A ABORDAGEM SOBRE AS IST: REVISÃO NARRATIVA

Trabalho apresentado para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso III, do curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Linha de pesquisa: Promoção à Saúde

Orientadora: Prof^ª Dra Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos

Goiânia
2022/2

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por me amparar a todo segundo, durante minha pesquisa.

Não poderia começar esses agradecimentos de forma diferente, pois devo aos meus pais minha eterna gratidão, não só pela força nos momentos difíceis, mas por toda a ajuda financeira na realização dos meus sonhos, sem o apoio de meus pais eu não teria conseguido completar essa jornada, eles foram a minha força ao longo do caminho, e meu modelo a ser seguido.

Aos meus irmãos Ariany e José Roberto obrigada pelas palavras de incentivo sempre que foi preciso, em especial a minha irmã, me sinto honrada de ter você como exemplo de profissional, se existe um espelho na enfermagem pra mim ele é você, espero que você se orgulhe da profissional que você é, e a que irei me tornar.

Agradeço, também, aos meus amigos em especial Sátira Michelle e Elder Lima que estiveram ao meu lado ao longo do curso, que passaram por todas as situações e momentos difíceis comigo, vocês tornaram tudo mais leve, pois eu sabia que poderia sempre contar com vocês.

Agradeço a minha orientadora Paulie Marcellly que me guiou pelo caminho deste trabalho de Conclusão de Curso, sem o qual nada disso seria possível, que nunca desistiu de me apoiar e incentivar nos momentos de dificuldade, obrigada pela dedicação e tempo em meu auxílio, o mundo precisa de mais professores como você.

RESUMO

Introdução: As mulheres constituem um grupo vulnerável para as Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Objetivo:** Identificar na literatura científica qual a abordagem apresentada sobre as IST no contexto do sexo feminino. **Método:** Estudo de revisão narrativa, com busca na BVS e acesso nas bases de dados *LILACS* e *SciELO*, no recorte temporal de 2002 a 2022. Foram incluídos no estudo: artigos da língua portuguesa, no formato de texto completo e gratuitos, no período de 2002 a 2022. Já as dissertações, teses, manuais do Ministério da Saúde serão excluídos da amostra. **Resultados:** O quantitativo inicial das buscas foram de 3.621 publicações e após a utilização dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 3.441 artigos, restando 180 para leitura dos títulos e resumos. Destes, 161 artigos foram excluídos por estarem duplicados ou não responderem à questão de pesquisa, restando 19 artigos para análise. As categorias abordadas foram: Prevenção e rastreamento das IST, Desigualdade de gênero e Grupo de risco para as IST. **Conclusão:** O estudo revelou a importância da estratégia de rastreamento de IST em serviços APS como sua principal fonte de cuidados relacionados a IST e HIV. Ao longo da história, observa-se a luta das mulheres para se posicionarem, em relação ao uso do preservativo, dentro e fora de relacionamentos e resultando em desentendimentos, e sendo caladas.

Descritores: Saúde pública, Mulheres e DST

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2 Objetivos	8
3. Revisão da Literatura	9
3.1. Contexto social de ser mulher e sexualidade	9
3.2. As infecções sexualmente transmissíveis	10
4. Metodologia	12
Resultados	13
5. Discussão	28
6. Conclusão	32
7. Referências	33

1. INTRODUÇÃO

Apesar de todas as possibilidades científicas, tecnológicas, preventivas e terapêuticas, as infecções sexualmente transmissíveis (IST) são um dos dilemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo (WHO, 2018; KWATRA et al 2018).

A transmissão das IST ocorre principalmente através do contato sexual, pelas vias oral, vaginal ou anal, com uma pessoa infectada sem o uso de preservativos masculinos ou femininos. Além disso, a depender da infecção, também podem ser transmitidas de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação e menos comumente, através do contato com membranas mucosas ou pele que apresenta algum tipo de ferimento com secreções corporais contaminadas (OLIVEIRA, et al 2007; BRASIL, 2022).

De etiologias diversas, tais infecções, em geral, podem ser assintomáticas ou manifestam-se por meio de corrimentos, pruridos intensos e dores na região genital, entre outros, os quais apresentam grande impacto na qualidade de vida do indivíduo e nas suas relações pessoais, familiares e sociais. Em sua maioria, apresentam tratamento que se reverte para cura, quando são tratadas e acompanhadas por equipes multiprofissionais para garantir seu controle (BRASIL, 2015; DOURADO, et al. 2020; ALVES, et al, 2017).

Além de deixar o organismo mais suscetível a outras infecções, apresentam complicações mais graves em mulheres, tais como infertilidade, abortamento espontâneo, malformações congênitas e a morte, caso não tenham o devido tratamento (KWATRA et al.2018). No caso de gestantes, pode provocar sofrimento materno, ocorrência de parto prematuro, além de morte fetal ou do recém-nascido, entre outros (OLIVEIRA, et al 2007; BRASIL, 2022).

É notório que o perfil epidemiológico das IST vem se modificando durante as últimas décadas, com aumento significativo do número de casos entre mulheres. Os contextos históricos e sociais revelam que as mulheres encontram obstáculos em virtude do preconceito, dos processos vinculados à dinâmica de gênero, das relações sexuais e reprodutivas, bem como a multiplicidade de parcerias sexuais e dogmas religiosos, expõem o público feminino às IST e, concomitantemente, acentua a vulnerabilidade das mulheres (SILVA et al. 2020).

Além disso, situações como a atividade sexual precoce, baixa escolaridade e renda, e à subordinação econômica das mulheres, especialmente nos países em

desenvolvimento, também são condições que colocam as mulheres em condições de vulnerabilidade para as IST (OLIVEIRA, et al. 2021).

Também, existe a ausência de percepção da população feminina em contrair uma IST, visto que as mesmas sujeitam esse risco em outras mulheres e não em si mesmas. Destaca-se também, que a maioria das mulheres associa o uso do preservativo como forma de evitar uma gravidez não planejada e não como prevenção para esses agravos (SILVA et al. 2020).

Diante desse panorama e tendo em vista a necessidade de sensibilização quanto à importância da utilização de comportamentos protetores pelas mulheres, os serviços de Atenção Básica não devem oferecer apenas métodos contraceptivos ou técnicas para concepção, mas também, na inclusão de ações de atenção à saúde sexual em diversos períodos do ciclo de vida das mulheres. Assim, devem garantir ações pautadas no acolhimento e no desenvolvimento de práticas educativas para as IST, voltadas para a promoção, prevenção, bem como o diagnóstico e tratamento (BRASIL, 2018).

Dessa forma, a Atenção Básica, como porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) tem como responsabilidade oferecer aos usuários dos serviços de saúde uma assistência adequada e de qualidade, de modo a garantir que os indivíduos infectados com alguma IST estejam por dentro das ações voltadas para a prevenção, promoção, diagnóstico e tratamento dos mesmos, com o objetivo de trazer informação a população e realizar ações preventivas e encaminhar a um serviço especializado quando necessário (SILVA 2016).

Nesse sentido, Costa e Cortina (2009) complementam que, o enfermeiro deve desenvolver ações, como palestras e trabalhos grupais na unidade de saúde, escolas e centros educacionais, para que assim se torne possível a detecção precoce das IST e, posteriormente, garantir um tratamento eficaz no combate as mesmas.

Diante desse contexto, surgiu a seguinte pergunta de pesquisa: O que tem sido publicado na literatura sobre as IST no contexto do sexo feminino? Espera-se conhecer a abordagem dada sobre essa importante temática no contexto das mulheres e assim, contribuir com a disseminação deste conhecimento, possibilitando maiores informações e empoderamento desse grupo vulnerável.

2. OBJETIVOS

Identificar na literatura científica qual a abordagem apresentada sobre as IST no contexto do sexo feminino.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. Contexto social de ser mulher e sexualidade

Durante séculos, a imagem da mulher permaneceu em condições equivalentes à de um “serviçal”, onde a liberdade era restrita ao sexo masculino, e as principais funções femininas eram restritas à reprodução, amamentação e cuidar dos filhos (ALVES, 2017).

Aristóteles explica que essa submissão das mulheres aos homens é devido à superioridade da autoridade masculina sobre o casal, bem como a necessidade das mulheres se manterem dentro da família, cumprindo o papel de mãe e de educar seus filhos. Segundo ele, elas não conseguiam orientar seus desejos nas relações com os outros, pois quem desempenhava o papel de superá-las era o homem (RUFINO, 2021).

Analisando o período medieval, o tratamento das mulheres não era feito de outra forma, pois elas eram regidas pelo simples fato de serem mulheres. A morte, o trabalho e o sofrimento entraram no mundo em virtude de sua existência, assim como as punições recebidas, foram atribuições dos homens (RUFINO, 2021).

No final do período medieval, a mulher passou a assumir um papel importante no desenvolvimento das cidades. Surgiu um novo modelo de relação de trabalho, dado o forte crescimento da economia urbana, e as mulheres passaram a se inserir nesse espaço, que se entrelaçava cotidianamente ao trabalho e à vida, no qual, com o casamento, o homem e a mulher formam um único modelo de vida (LEAL, 2016).

Pautados pelas lutas das mulheres por direitos civis, direito ao saber e à informação, direitos políticos, direitos ao trabalho e, fundamentalmente, direito ao próprio corpo, o feminismo estabelece, a partir das singularidades das experiências interseccionais, espaços de multiplicidade e novos protagonismos, além da partilha de experiências e aspirações de transformação social. É a partir disso que entendemos a importância do feminismo como questionamento e da comunicação como estratégia de transformação no que diz respeito à saúde (LEIROZ et al. 2021)

Anterior à instituição do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da Constituição Federal de 1988, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) conseguiu se consolidar, em grande parte, graças ao fortalecimento do movimento feminista brasileiro, que, nos anos 1980, imprimiu um caráter político

às suas demandas, estabelecendo espaços de diálogo com o Estado e com a sociedade, em especial, após o fim da ditadura militar e o início do processo de redemocratização do País (BRASIL, 2018)

Essa política, ainda em vigor no País, é responsável, por instaurar uma práxis capaz de superar as políticas que compreendiam a saúde da mulher exclusivamente a partir de seu papel de mãe (reprodutora e cuidadora de filhos), e que, por isso, organizavam o sistema de saúde de maneira excludente. Assim, seu caráter 'integral' propõem uma forma emancipadora de compreender as mulheres e sua saúde, com um cuidar que vai além do período reprodutivo e que as compreendem como cidadãs, diversas e plenas de direito, com o atendimento voltado para seus diferentes ciclos de vida, e que não invisibilize determinadas mulheres, nem determinadas necessidades de saúde (BRASIL, 2004).

No entanto, apesar das políticas públicas específicas que orientam os serviços, por vezes, as mulheres que frequentam o atendimento nesses ambientes muitas vezes vivenciam sentimentos de desamparo, exclusão, omissão e negação do cuidado, especialmente, se integram algum grupo socialmente marginalizado, como as profissionais do sexo ou lésbicas (FIOCRUZ, 2020).

Independente da orientação sexual ou estilo de vida, todos os profissionais precisam ouvir as necessidades de cada usuário, respeitando a singularidade de cada pessoa e sua história de vida, sem preconceitos ou julgamentos. É muito importante que a equipe de saúde tenha uma boa interação para que a integralidade do serviço seja prestada (BEZERRA et al, 2020).

3.2. As infecções sexualmente transmissíveis

Segundo a World Health Organization (WHO), estimou o total de casos incidentes de IST curáveis em 376,4 milhões, entre os quais 127,2 milhões, 86,9 milhões (95% IC: 58,6-123,4 milhões) de casos de gonorreia, (95% IC: 95,1-165,9 milhões) de casos de clamídia, 6,3 milhões (95% IC: 5,5-7,1 milhões) de casos de sífilis e 156,0 milhões (95% IC: 103,4-231,2 milhões) de casos de tricomoníase. A prevalência global estipulada de sífilis, em homens e mulheres, foi de 0,5% (95% IC: 0,4-0,6), com valores localistas variando de 0,1 a 1,6% (WHO, 2022).

No Brasil, estima-se que apesar dos números, o tratamento oportuno para as pessoas infectadas com alguma IST melhora a qualidade de vida e interrompem a

cadeia de transmissão dessas infecções, o qual é fornecido gratuitamente pelo SUS, além do atendimento e diagnóstico (BRASIL, 2022).

Para viabilizar o tratamento imediato do paciente portador de IST sem a necessidade de aguardar os resultados de exames confirmatórios, a OMS em 1991, instituiu a definição de abordagem sindrômica. Este método equivale a incluir a doença dentro de síndromes pré-estabelecidas, baseadas em sinais e sintomas, específica para países ou regiões com poucos recursos, como nos países em desenvolvimento (REDWOOD et al.2002).

Referente aos cuidados necessários às IST e mediante o exercício da enfermagem, regulamentado pela lei n. 7.498/86, as atribuições do enfermeiro contemplam o sistema de prescrição de medicamentos e aprovações dos órgãos de saúde estabelecido no sistema público de saúde; prevenção e controle de doenças infecciosas em geral; atendimento consultivo e educação para melhorar a saúde das pessoas. Assim, no contexto da atenção primária, o enfermeiro é visto como uma das figuras-chave na tentativa de superar as barreiras ao processo de cuidado e prevenção das IST (COFEN 1986, OLIVEIRA et al 2017).

Portanto, a prática de enfermagem com foco nas IST tem evoluído, abrangendo diferentes perspectivas de cuidados, sobretudo por se tratar de um problema que envolve as representações, práticas e comportamentos relativos à sexualidade. No campo da assistência, os cuidados de enfermagem envolvem a educação em saúde, a avaliação abrangente e completa, aconselhamento, imunizações, realização de testes, tratamento, busca ativa de parceiros e apoio ao usuário para tomada de decisões informadas (CERQUEIRA et al. 2021)

4. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, que é um tipo de estudo que se utiliza de referências eletrônicas ou bibliográficas para o alcance de resultados de pesquisa de outros autores, com o propósito de estabelecer teoricamente um determinado objetivo (BASTOS; KIRSZTAJN, 2011)

Para tanto, a pesquisa seguirá as etapas propostas por Mendes (2008) que determina: a identificação da questão norteadora; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou pesquisa da literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa da literatura; interpretação dos resultados e a apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Seguindo as recomendações apresentadas, foi estabelecida a questão norteadora: Qual a abordagem sobre as IST no âmbito do sexo feminino?

Foram incluídos no estudo: artigos da língua portuguesa, no formato de texto completo e gratuitos, no período de 2002 a 2022. Já as dissertações, teses, manuais do Ministério da Saúde serão excluídos da amostra.

A coleta de dados ocorreu por meio do levantamento de artigos científicos obtidos nas bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS); Scientific Electronic Library Online (SciElo) e Portal de Periódicos da Capes.

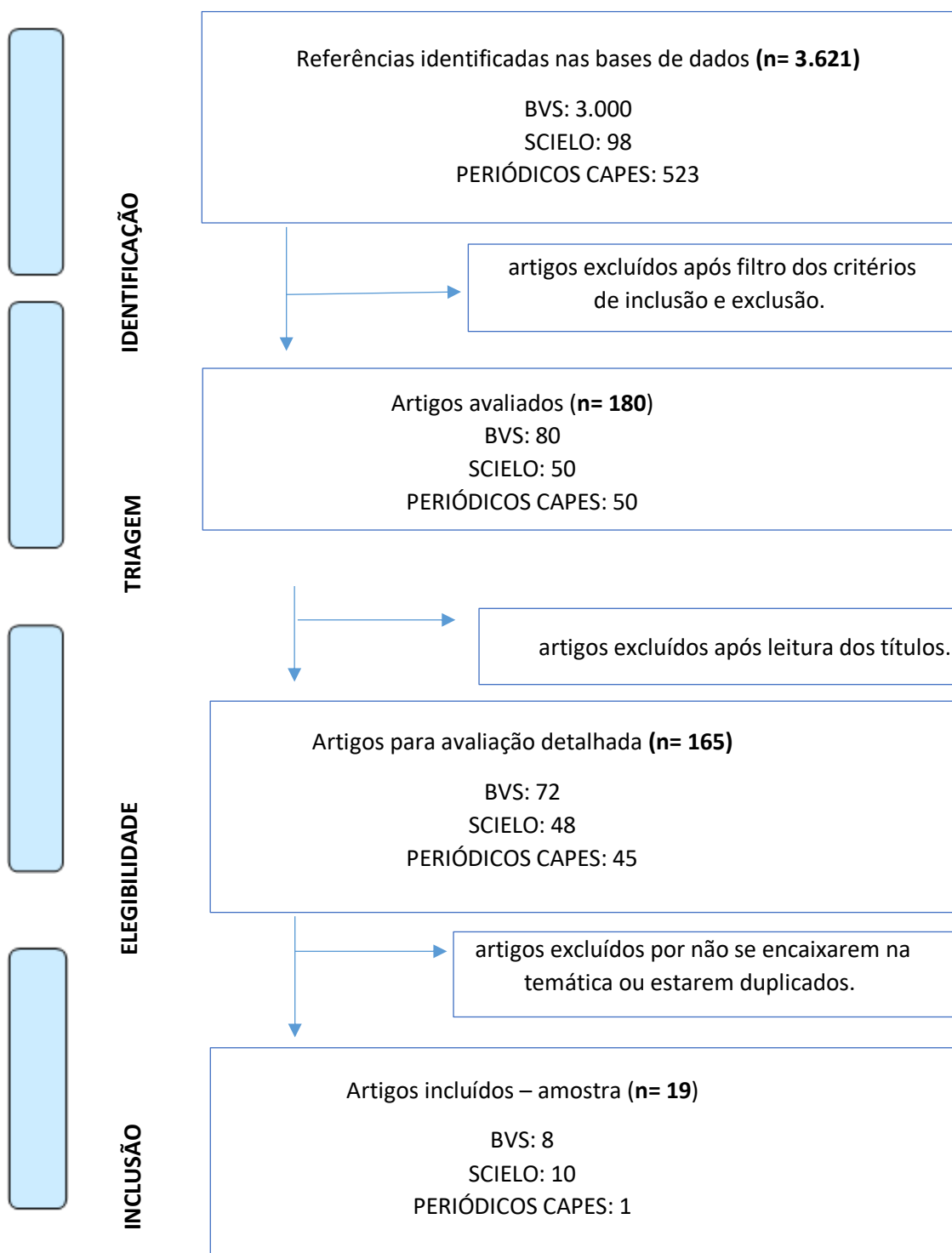
Como estratégia de busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): MULHERES; MULHER; DST e IST, e efetuado a seguinte estratégia de busca com os descritores booleanos controlados: (DST OR IST) AND (MULHERES OR MULHER).

RESULTADOS

Ao todo foram localizadas 3.621 publicações e após a utilização dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 3.441 artigos, restando 180 para leitura dos títulos e resumos. Destes, 161 artigos foram excluídos por estarem duplicados ou não responderem à questão de pesquisa, restando 19 artigos para análise.

Assim, foram identificados o seguinte quantitativo de artigos nas bases de dados: Um (1) na BVS, (1) nos periódicos CAPES e dezessete (17) na Scielo.

Fluxograma 1: Fluxograma PRISMA, Goiânia, Goiás, 2022.



Fonte: Autoria própria, 2022

Em relação ao período de publicação, foram selecionados: dois (2) em 2002; um (1) em 2003; dois (2) em 2004; dois (2) em 2006; um (1) em 2007; um (1) em 2008; quatro (4) em 2009; um (1) em 2011; um (1) em 2017; dois (2) em 2018; um (1) em 2020 e um (1) em 2021. Deste modo foi observado que a maioria dos artigos foram publicados nos anos de 2002 e 2021.

Para melhor apreciação dos dados, foi construído sinótico dos 19 estudos selecionados, com as seguintes variáveis: ano, autores, título, objetivos e resultados e conclusão.

Quadro 1: Quadro sinótico dos estudos selecionados na revisão integrativa, Goiânia, Goiás, 2002- 2022.

Ano	Autores	Título	Objetivos	Resultados	Conclusão
2021	Matteoni ET AL	<u>Fonte habitual de cuidado em saúde e o uso de serviços de saúde sexual e reprodutiva entre mulheres trabalhadoras do sexo no Brasil</u>	o objetivo foi estimar a proporção e fatores associados à fonte habitual de cuidado entre mulheres trabalhadoras do sexo	Este estudo mostrou que as mulheres trabalhadoras do sexo têm a APS como principal fonte habitual de cuidado. Além disso, a fonte habitual de cuidado pode impactar nos cuidados e ações em relação à saúde reprodutiva e à prevenção de HIV e IST nessa população.	Os resultados deste estudo têm importantes implicações para o modelo assistencial no Brasil e em outros países, especialmente aqueles que buscam a APS como norteadora dos sistemas de saúde. Neste sentido, os serviços que compõem a APS são espaços potenciais para o investimento em ações voltadas à saúde das mulheres trabalhadoras do sexo, a fim de diminuir as vulnerabilidades as quais estão expostas com maior frequência.

2020	Loranynn ET AL	Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis	Analisar a percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis.	Há baixa percepção e desconsideração das mulheres sobre sua condição de vulnerabilidade a essas infecções. Elas acreditam que a possibilidade de adquiri-las está relacionada a comportamentos considerados desviantes, sendo provável na vida de quem não vivencia um relacionamento estável.	O principal desafio é superar situações vivenciadas pelas mulheres que potencializam as suas vulnerabilidades geradas por equívocos e erros de concepções. Precisa-se planejar ações de prevenção que não se limitem ao repasse de informações, mas a troca de saberes, crenças e valores vinculados à forma pelo qual a mulher vive sua sexualidade.
2018	Delziovo ET AL	<u>Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina – Brasil</u>	O objetivo foi estimar a ocorrência de gravidez e infecção sexualmente transmissível (IST) decorrente da violência sexual e testar associação entre gravidez, IST e o	A ocorrência de IST foi de 3,5%. Ser atendida em 72 horas e receber profilaxias não resultou em menor proporção de IST, são necessários estudos que aprofundem esta questão.	Por fim, espera-se que os dados apresentados contribuam para a reflexão sobre o papel dos serviços de saúde na perspectiva de ampliar a resolutividade das ações de profilaxia, minimizando o sofrimento causado por este agravo.

			atendimento nos serviços de saúde		
2018	Abreu ET AL	Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil	Avaliar o conhecimento de homens e mulheres acerca do HPV na população do município de Ipatinga-MG, além de avaliar os fatores socioeconômicos e as atitudes preventivas associadas a esse conhecimento	Existe grande déficit de conhecimento sobre o HPV e pouca qualificação do que se sabe, favorecendo ações com risco potencial à saúde, inclusive do parceiro.	Dessa forma, o desenvolvimento de estratégias voltadas para a saúde pública, com enfoque na prevenção e limitação de agravos, como a inclusão de ações visando qualificar o grau de conhecimento sobre HPV, pode ser a chave para estase do ciclo da doença

2017	Iuppi ET AL	Diagnóstico precoce e os fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis em mulheres atendidas na atenção primária	Identificar a prevalência de IST em usuárias de um serviço de atenção primária à saúde em São Paulo.	Das 781 mulheres incluídas no estudo, as prevalências obtidas foram: Chlamydia trachomatis (8,4%), Neisseria gonorrhoeae (1,9%) e Trichomonas vaginalis (3,2%). A positividade para pelo menos uma das três IST foi de 13%. As variáveis associadas independentemente com maior risco de IST foram: idade menor que 20 anos, mais de dois parceiros sexuais na vida e percepção de risco para IST; o uso de preservativo como método contraceptivo foi um fator protetor	A relevância dos resultados encontrados neste estudo se dá principalmente por ter sido conduzido em um serviço de atenção primária, com mulheres frequentadoras usuais, e conseqüentemente, em sua grande maioria assintomática.
2011	Borba	Interconexões entre Linguística Aplicada e práticas de atenção à saúde: linguagem e identidades na prevenção de DSTs/Aids entre	a prevenção de DST/Aids		As análises acima apresentadas estão em consonância com uma perspectiva de LA socialmente responsiva (MOITA LOPES, 2006), que tem um compromisso de produzir conhecimento

		travestis profissionais do sexo			situado sobre a linguagem, entendendo-a como fenômeno social e “imbricado em ampla amalgamação de fatores contextuais”, como indica Fabrício (2006), com utilidade para problemas de cunho social.
2009	Silva ET AL	A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV	objetivo foi analisar a percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV.	revelaram duas grandes dimensões: uma que relaciona a percepção pessoal da mulher e seus comportamentos, e outra relacionada à opinião dessas mulheres sobre o comportamento de outras mulheres	Isto demonstra grande importância para o profissional de saúde investir no empoderamento dessas mulheres como estratégia para redução da desigualdade de gênero . Entendemos que relações menos assimétricas constituem fator decisivo para a diminuição da vulnerabilidade da população feminina, e por consequência da incidência e da prevalência das DST/HIV.

2009	Souza ET AL	DST no âmbito da relação estável: análise cultural com base na perspectiva da mulher	objetivo analisar as significações da contaminação por DST para a mulher em união estável.	mostraram que o diagnóstico de DST influencia o comportamento sexual das mulheres.	É necessário possibilitar a reflexão das mulheres sobre a autonomia que possuem (devem possuir) sobre seus corpos, promover a conscientização masculina sobre a responsabilidade do casal (e não só da mulher) a respeito da saúde sexual do casal e elaborar estratégias educativas para que a questão do risco e da contaminação por DST seja tratada com o emprego de uma abordagem positiva.
2009	Santos ET AL	Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras	identificar os contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras.	as mulheres vivendo com HIV/AIDS apresentaram início da vida sexual mais precoce, menor aderência ao uso de preservativos, e uma maior proporção dessas mulheres relatou	Os gestores e profissionais da área de saúde dos programas de DST/AIDS e da saúde da mulher devem entender a violência contra a mulher como um problema de saúde pública, que

				uso de drogas, ocorrência de DST e de violência sexual na vida	pode ter severas consequências na saúde física e psíquica das pessoas afetadas, entre as quais as DST, a infecção pelo HIV e a AIDS.	
2008	Basto AL	ET	Sinais e sintomas associados às doenças sexualmente transmissíveis no Brasil, 2005	objetivo do estudo foi avaliar a morbidade auto-referida associada à ocorrência de DST, segundo gênero	Tanto para homens quanto para mulheres as variáveis: testagem anterior para o HIV, crença pessoal de que pode haver amor sem fidelidade e número de pessoas com quem teve relações sexuais na vida mostraram-se significativamente associadas ao desfecho	Sinais e sintomas associados às DST apresentam forte diferencial de gênero na população geral, devendo ser objeto de intervenções educativas claramente distintas.
2007	Araujo AL	ET	Vivências de mulheres com diagnóstico de doença sexualmente transmissível – DST	conhecer como as mulheres vivenciam o diagnóstico de uma DST e as repercussões da revelação desse	Constatou-se que a ocorrência de uma DST resulta em impacto negativo para as mulheres em relação ao convívio social e ao relacionamento com o parceiro sexual	Os profissionais devem valorizar a escuta verbal e não verbal e oferecer apoio necessário na tentativa de minimizar as angústias e o enfrentamento dos problemas que porventura

			diagnóstico ao parceiro sexual		desencadeiem a partir do diagnóstico da doença.
2006	Araujo ET AL	Relação usuária-profissional de saúde: experiência de uma mulher homossexual em uma unidade de saúde de referência de Fortaleza	Tem-se como objetivo descrever a experiência vivenciada por uma mulher homossexual atendida em uma unidade de saúde.	o desenvolvimento do processo de comunicação é muito superficial e deixa de elucidar questões importantes do exercício da sexualidade, perdendo-se, conseqüentemente, a oportunidade de desenvolver um trabalho educativo na prevenção das DST e, inclusive, do HIV.	Pessoas homossexuais normalmente estão à margem destes serviços. Em face desta realidade, é imperativo que os órgãos governamentais responsáveis pelas políticas de saúde levem em consideração as mudanças ocorridas ao longo dos anos no comportamento sexual da sociedade e desenvolvam um processo de educação continuada com os profissionais para acolher adequadamente essa demanda.
2006	Codes ET AL	Detecção de doenças sexualmente	avaliar a aceitação de rastreamento		Maiores esforços devem ser dirigidos para a vigilância das populações de risco, para que a

		transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil	para DST em ambientes não clínicos por indivíduos assintomáticos, os fatores de risco e prevalência de DST em ambientes não clínicos e clínicos e o rastreamento não clínico de populações assintomáticas como um método viável para controle das DST		detecção dessas doenças e o seu tratamento imediato se traduzam na redução dos problemas por elas causados à comunidade.
2004	Souza ET AL	Infecção pelo HIV durante a	Avaliar a cobertura efetiva	A cobertura efetiva do teste de HIV durante a gestação foi estimada em	Os resultados estabelecem a necessidade de haver medidas

		gestação: estudo-Sentinela Parturiente, Brasil, 2002	da detecção da infecção pelo HIV durante a gestação, em âmbito nacional.	52%. As enormes desigualdades socioespaciais ficaram evidenciadas na comparação entre as regiões Nordeste (24%) e Sul (72%)	voltadas para maior cobertura da detecção do HIV na gestação, e indicam que os programas do Programa Nacional de DST e Aids e os programas de saúde da mulher devem ser intensificados, com estratégias conjuntas entre eles.
2003	Souza ET AL	Fatores associados à percepção de risco de infecção pelo HIV por puérperas internadas	Verificar os fatores associados à percepção de risco de infecção pelo HIV por puérperas internadas em maternidades filantrópicas	Cerca de 29% das puérperas se consideraram em risco de contrair o HIV. Verificou-se que a mulher que se percebe com risco é aquela que não está em união conjugal/consensual, que apresentou DST em algum momento de sua vida e que acredita que o homem casado se diverte fora de casa como o homem solteiro	Identificou-se assimilação das informações sobre a epidemia, influenciando na percepção de risco da mulher, mas foi considerada necessária a intensificação de atividades que promovam o envolvimento do casal e do adolescente na prevenção de infecção pelo vírus da Aids.

2002	Teixeira ET AL	Avaliação do Parceiro Sexual e Risco de Recidivas em Mulheres Tratadas por Lesões Genitais Induzidas por Papilomavírus Humano (HPV)	estudar a associação entre a avaliação ou não do parceiro e recidivas em mulheres tratadas por lesões por HPV.	A presença de lesões nos parceiros não se correlacionou com a ocorrência e grau das recidivas nas mulheres e TLD. Estas observações não suportam a hipótese de que os homens não avaliados seriam importante causa de recidivas nas parceiras.	A avaliação do homem não diminuiu o risco de recidivas de lesões por HPV na parceira. A presença de lesões nos parceiros não se correlacionou com a ocorrência e grau das recidivas nas mulheres e TLD. Estas observações não suportam a hipótese de que os homens não avaliados seriam importante causa de recidivas nas parceiras.
2002	santiago ET AL	Detecção de Doenças Sexualmente Transmissíveis em Clínica de Planejamento Familiar da Rede Pública no Brasil	analisar a prevalência da gonorréia, infecção por clamídia, sífilis e infecção por HIV entre as mulheres de uma	: a infecção por clamídia foi encontrada em 11,4%, a sífilis em 2%, a gonorréia em 0,5% e a infecção por HIV em 3%. Aproximadamente 60% das mulheres que estavam infectadas por clamídia não apresentavam sintomas. Mulheres que nunca usavam preservativos apresentaram	Os achados mais significativos foram as altas taxas de doenças numa população de mulheres que reportaram de modo geral comportamentos de baixo risco de saúde. Com base nos nossos achados é essencial que se ofereça o rastreamento de risco

			clínica de planejamento familiar em função da presença de sintomas de DST e de comportamentos de risco.	um risco de DST muito mais alto do que aquelas que sempre ou na maioria das vezes usavam preservativos	verdadeiro das populações servidas.

Fonte: Autoria própria, 2022

5. DISCUSSÃO

Após leitura detalhada dos artigos, foi possível identificar inúmeras abordagens sobre as IST no contexto do sexo feminino, as quais foram categorizadas em: Prevenção e rastreamento das IST, Desigualdade de gênero e Grupos de risco para as IST.

✓ **Prevenção e rastreamento das IST**

Embora haja uma diversidade de doenças de transmissão sexual, a principal forma de prevenção ocorre com a utilização do preservativo (masculino ou feminino), sendo imprescindível que a população em geral reconheça os locais onde possam adquirir esse método de barreira, que é disponibilizado pelo SUS na APS e Centro de referência em DSTs (CRDT), bem como obter o diagnóstico oportuno para o tratamento destas infecções (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, a atenção primária a saúde foi apontada como local de rastreio para as IST por diferentes grupos femininos (BORBA,2011; MATTEONI, et al., 2021; POGETTO, et al. 2012).

No estudo realizado entre 781 mulheres de um serviço de atenção primária à saúde localizado na área central da região metropolitana de São Paulo e apresentou prevalência de 13% de positividade para pelo menos uma das três IST investigadas, sendo elas: *Chlamydia Trachomatis*, *Trichomonas Vaginalis* e *Neisseria gonorrhoeae*, mostrando a importância da estratégia de rastreamento de IST em serviços de atenção primária (LUPPI, et al., 2011).

De modo semelhante, as mulheres trabalhadoras do sexo também referiram a APS como sua principal fonte de cuidados relacionados a IST e HIV, sendo ainda, um local propício para combate do estigma e discriminação relacionada ao trabalho sexual (MATTEONI, et al., 2021; POGETTO, et al. 2012).

Embora haja uma diversidade de doenças de transmissão sexual, muitas destas são desconhecidas pela população de uma forma geral (CODES, et al., 2006), especialmente, quando são assintomáticas. Mesmo assim, Codes e colaboradores (2006) identificaram alta taxa de infecções assintomáticas pelas DST entre as mulheres (CODES, et al., 2006), demonstrando a importância de ações de rastreamento nos serviços de saúde.

Assim, o enfermeiro, enquanto profissional da saúde, possui papel fundamental nesse processo e deve sempre estar atualizado em sua área de atuação, especialmente sobre as IST, estando ciente das ações que a atenção primária oferece nas práticas de rastreamento e por fim, contribuir para quebrar a cadeia de transmissão das doenças (Petry, et al 2021).

Especificamente quanto a infecção causada pelo Papilomavírus Humano (HPV), que é uma IST, comumente conhecida pelo surgimento de verrugas na região ano genital feminina e masculina, e boca, um estudo realizado com 309 mulheres identificou que o gênero feminino é o que mais tem conhecimento sobre a doença, formas de prevenção, incluindo a vacina e medidas preventivas nas relações sexuais, bem como a necessidade da realização do exame do Papanicolau, para rastreio das alterações virais e do câncer de colo uterino (ABREU, et al.,2018).

Quanto ao rastreamento do HIV em gestantes, a cobertura efetiva de sorologia realizada pelo HIV durante a gestação considerando todas as etapas antes do parto foi estimada em 52%, demonstrando a desigualdade socioespaciais no Brasil, na comparação de regiões como: nordeste 24% e sul 72%, reforçando a necessidade da consulta de pré-natal e pedido de teste anti- HIV e conhecimento do resultado para a gestante (JUNIOR, et al., 2004).

✓ **Desigualdade de gênero**

Ao longo da história, tem-se observado a luta das mulheres pelo seu empoderamento (MARTINS, 2019), no entanto, concernente às IST, observa-se que é importante e necessário a realização de um empowerment (empoderamento) desta mulher, para conscientizá-la a respeito de possíveis novas contaminações e quebra da cadeia de transmissão (SILVA, VARGENS, 2009, SOUSA, BARROSO, 2009; BORBA, 2011; MATTEONI, et al., 2021; POGETTO, et al. 2012).

Muitas mulheres acreditam que se pedirem ao parceiro para usarem o preservativo em consequência da incidência e prevalência da DST/HIV pode ser uma possibilidade de destruição do relacionamento, podendo colocar-se em risco social e pessoal, e esse preconceito é mais forte que a razão (SILVA, VARGENS, 2009, SOUSA, BARROSO, 2009).

De modo semelhante, existe o receio por parte das mulheres que foram diagnosticadas com alguma DST de serem alvos de preconceitos e abandono por

parte do parceiro sexual e da sociedade, e com isso, há o risco de desenvolvimento de conflitos emocionais e o rompimento do relacionamento. Assim, observa-se que todo esse contexto altera o estado psicológico das mulheres, que sentem dificuldade em lidar com a situação no momento do diagnóstico e na relação com o parceiro sexual (SILVA, VARGENS, 2009; PRAÇA, et al., 2003; SILVA, et al., 2018).

Nesse contexto, as construções sociais e culturais de masculinidade e feminilidade, bem como as estruturas de pensamentos e concepções como o fato de ter uma união estável ou confiança no parceiro são fatores para o não uso do preservativo (ABREU et al. 2012; MAIA et al. 2008), condições de vulnerabilidade das mulheres às IST.

Outra abordagem também evidenciada sobre a desigualdade de gênero diz respeito às IST sofrida em consequência da violência sexual, que ocorrem em maior proporção em mulheres de 15 a 19 anos que sofreram violência de repetição e por mais de um agressor (DELZIOVO, et al., SOUZA, et al., 2020).

✓ **Grupos de risco para as IST**

Diversas populações do sexo feminino são apontadas como sendo grupos de risco para as IS, como: puérperas, mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM), adolescentes, travestis, profissionais do sexo (PS), entre outras (SANTOS, et al., 2009; MOURA, et al., 2021; MOREIRA, 2022).

No entanto, observa-se que há baixa percepção das mulheres em relação a sua vulnerabilidade às IST, pois muitas acreditam que a possibilidade de adquirir essas infecções está vinculada a comportamentos “desviantes”, sendo possível apenas na vida de quem não tem um relacionamento estável (MOURA, et al., 2021). De fato, para aquelas que estão vivendo com HIV/aids, as principais formas auto percebidas de infecção foram: o parceiro ter múltiplas parceiras sexuais ou ser bissexual, e ainda, terem tido relações sexuais desprotegidas e o parceiro ser usuário de drogas (SANTOS, et al., 2009).

Esse não reconhecimento de susceptibilidade às IST também foi identificado no grupo de mulheres homossexuais, que não se percebem em risco para contrair o HIV, pois acreditam que a transmissão só acontece em relações heterossexuais, tem pouca familiaridade com estratégias relacionadas a prevenção e suas práticas (ARAUJO, et al., 2006; ARAUJO, et al., 2019).

De modo oposto, em outro estudo foi apontado que as mulheres que se auto definem como lésbicas ou as mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) apresentam uma maior vulnerabilidade às DST, pois ainda que se auto intitulem lésbicas não se abstém de relações afetivo-sexuais com homens, heterossexuais ou gays (ALMEIDA, 2009; ANDRADE, et al., 2020).

Outro grupo associado a disseminação do HIV foram as mulheres profissionais do sexo, transgênero ou não, uma vez que apresentam alta taxa de prevalência de DST e consumo de drogas ilícitas e álcool (BORBA,2011; MATTEONI, et al., 2021; POGETTO, et al. 2012).

Para além de fatores de risco associados ao uso infrequente do preservativo, uso de drogas lícitas, e ilícitas (DELZIOVO, et al., SOUZA, et al., 2020), as adolescentes de comunidades pobres do Rio de Janeiro tiveram suas vulnerabilidades às DST/aids vinculadas a discriminação, violência de gênero, e a pobreza em que sobrevivem agravam o racismo, o sexíssimo e a homofobia (TAQUETTE, 2010).

Já para o contexto de 249 mulheres monogâmicas com idade de 18 anos ou mais e que estavam em acompanhamento para DST/HIV/AIDS em um Hospital Universitário de Fortaleza-CE, identificou-se que menos de um terço das mulheres mudaram seus hábitos sexuais após o diagnóstico de DST, e mesmo com o acometimento da doença, não adotaram uma prática sexual segura (GUEDES, et al., 2009), demonstrando o risco de disseminação da doença.

Por fim, gestantes também foram apontadas como grupo de risco para as IST, pois as mesmas dizem que não usam o preservativo porque o vincula a um “anticoncepcional” e como já estão grávidas, não veem necessidade. Sendo assim, as grávidas são um grupo de mulheres vulneráveis a aids e outras DST's (PRAÇA, et al.; CARVALHO, PICCINI, 2008).

Vale ressaltar que independente de ter sido apontado ou não como grupo de risco para às IST, todas as mulheres encontram-se nesta situação quando não utilizam o preservativo, demonstrando a importância dessa temática no contexto da saúde pública.

CONCLUSÃO

Identificou-se na literatura científica que a abordagem apresentada sobre as IST no contexto do sexo feminino esteve relacionada com questões voltadas à prevenção e rastreamento das IST, a desigualdade de gênero que ainda permanece nos dias atuais e principalmente, os diversos grupos de mulheres que são colocadas como em risco para as IST, como: puérperas, mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM), adolescentes, travestis, profissionais do sexo, entre outras.

Também foi possível perceber que o viver com IST/HIV/AIDS estão diretamente ligadas a uma série de emoções e conflitos sociais. Entretanto, foi considerada e necessária a intensificação de práticas para o saber dessas mulheres em relação a prevenção, tratamento, estratégias de práticas seguras do sexo, a fim de conscientizá-las a respeito de uma possível contaminação e quebra da cadeia de transmissão.

REFERÊNCIAS

ABREU. S.N.M.; SOARES. D.A.; RAMOS. O.A.D.; SOARES. V.F.; FILHO. N.G.; VALADÃO. F.A.; MOTTA. G.P.; Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. Rio de Janeiro. Mar-2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/csc/a/mfqJb6nrxLjtyh9VWxH4sSP/?lang=pt> > Acesso em: 03 de novembro de 2022.

ALARY. M.; LOWNDES. C.M.; VAN DYCK. E.; MUKENGE-TSHIBAKA. L.; ANAGONOU. S.; GERALDO. N.; JOLY. J.R.; GUÉDOU.A.; LAFIA. E.; Diagnóstico sintomático versus laboratorial de infecções cervicais entre mulheres profissionais do sexo em Benin: implicações do não comparecimento às consultas de retorno. Jan-2002. Disponível em: < <https://www.gov.uk/research-for-development-outputs/syndromic-versus-laboratory-based-diagnosis-of-cervical-infections-among-female-sex-workers-in-benin-implications-of-nonattendance-for-return-visits> > Acesso em: 09 de maio de 2022.

ALVES, B., GONÇALVES, M. B., FONTOURA, L. V., & NEVES, G. D. Perfil sexual de estudantes universitários. Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde. V.30, N. 4; 2017. Disponível em: < <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6219/pdf> >. Acesso em: 04 de Maio de 2022.

ARAÚJO. L.A.M.; GALVÃO. G.T.M.; SARAIVA. M.M.M.; ALBUQUERQUE. D.A.; Relação usuária-profissional de saúde: experiência de uma mulher homossexual em uma unidade de saúde de referência de Fortaleza. Rio de Janeiro. Ago-2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ean/a/wMjBQCZ6m97V63Q5Vc3HLTG/?lang=pt> > Acesso em: 04 de novembro de 2022.

ARAÚJO. L.A.M.; SILVEIRA. B.C.; Vivências de mulheres com diagnóstico de doença sexualmente transmissível - dst. Rio de Janeiro. Dez-2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/ZxPLC9yc9rKbVdPddtmTKLm/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 04 de novembro de 2022.

BASTOS. I.F.; CUNHA. B. C.; HACKER. A.M.; Sinais e sintomas associados às doenças sexualmente transmissíveis no Brasil, 2005 Rio de Janeiro. jun-2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/dtdQnbMYxWTQhwrMZfkHBBG/abstract/?lang=pt> > Acesso em: 04 de novembro de 2022.

BORBA. R.; Interconexões entre Linguística Aplicada e práticas de atenção à saúde: linguagem e identidades na prevenção de DSTs/Aids entre travestis profissionais do sexo. Rio de Janeiro. Dez-2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/5QjNhTPPLKrqk45tVXqXGTq/?lang=pt> > Acesso em: 03 de novembro de 2022.

BOSU. WK.; Manejo sintomático de doenças sexualmente transmissíveis: é racional ou científico?. Fev- 1999. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10206265/> > Acesso em: 09 de maio de 2022.

BUONAFINA, J.S.; SILVA, H.V.P.; SOUZA, J.L.S.; RODRIGUES, M.S.; PEDROSA, M.J.G.; PORTELA, G.; FONSECA, R.A.L.; Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade. Rev. Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde. 2021. Disponível em: < <https://cdn.publisher.gn1.link/redcps.com.br/pdf/aop2106.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

Caderno de saúde Pública.; Potencialidades do quadro da vulnerabilidade e direitos humanos para os estudos e as práticas de prevenção às arboviroses. Nº 9, Rio de janeiro, setembro, 2020. Disponível em :< <http://cadernos.enf.fiocruz.br/csp/artigo/1176/potencialidades-do-quadro-da-vulnerabilidade-e-direitos-humanos-para-os-estudos-e-as-praticas-de-prevencao-as-arboviroses>>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

CAMPBELL R.L.; PLUMB.J.; A abordagem sindrômica para o tratamento de doenças sexualmente transmissíveis em países de baixa renda: questões, desafios e direções futuras. Mai-2002 . Disponível em:< <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12196862/>>. Acesso em: 06 de Maio de 2022.

CAVALCANTE D.R.; RIBEIRO S.G.; PINHEIRO A.K.B.; SOARES P.R.A.L.; AQUINO P.S.; CHAVES A.F.L.; Práticas sexuais de mulheres que fazem sexo com mulheres e o uso do preservativo. Ver Rene. 2022 Disponível em:<<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/71297/217934>>Acesso em: 10 de maio de 2022.

CODES. S.J.; COHEN. A.D.; MELO. A.N.; MELO. A.N.; SANTOS. B.A.; CODES. G.J.J.; JÚNIOR.S.C.J.; RIZZO.R.; Detecção de Doenças Sexualmente Transmissíveis em Clínica de Planejamento Familiar da Rede Pública no Brasil. Rio de janeiro.2-Mar-2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/7WBy7FB76wZntryMWFkDkYN/?lang=pt>> Acesso em: 05 de novembro de 2022.

CODES. S.J.; COHEN. A.D.; MELO. A.N.; TEIXEIRA. G.G.; LEAL. S.A.; SILVA. J.T.; OLIVEIRA. R.P.M.; Detecção de doenças sexualmente transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Rio de janeiro. Fev-2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/SYNJXfkDQzNDj4Khnm6srRx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.

CRISTINA, T.O.; PINTO, L.C.; ALVES, M.S.; O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes

DAMACENA. G. N.; SZWARCOWALD. C.L.; JÚNIOR P. R. B. S.; DOURADO. I.; Fatores de risco associados à prevalência de HIV entre mulheres profissionais do sexo em 10 cidades brasileiras. JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes. V.57. 15 ago de 2011. Disponível em:< https://journals.lww.com/jaids/Fulltext/2011/08153/Risk_Factors_Associated_With_HIV_Prevalence_Among.4.aspx > Acesso em: 30 de maio de 2022.

DELZIOVO. R.C.; COELHO. S.B.E.; ORSI. E.; LINDER. R.S.; Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina – Brasil. Rio de janeiro. Jul-2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/rDBrxjLbbWS4JdDHjfCV3C/?lang=pt> > Acesso em: 03 de novembro de 2022.

DOURADO. S.É.; PIMENTA.G.T.A.; FAMA.O.M.M.; AZEVEDO.N.L.; Aspectos epidemiológicos e clínicos dos pacientes atendidos num serviço de referência em IST. Brazilian Journal of health Review.Curitiba. V.3, N. 4, p. p.9579-9596; jul/jun- 2020. Disponível

em:<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/14141/11812>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

EXUBERANT.E L.; WALT.G.; OGDEN. J; Transferência de políticas para o tratamento de infecções sexualmente transmissíveis: o que há de errado com as diretrizes globais?. Mar-2003. Disponível em:<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12582105/>>. Acesso em: 06 de Maio de 2022.

FIGUEIREDO, M.C.S.; LIMA, M.M.N.; OLIVEIRA, A.S.; GOUVEIA, G.K.D.B.; Diagnósticos de enfermagem para mujeres mayores con vulnerabilidad al VIH/ SIDA. Revista Brasileira de Enfermagem. vol.71, supl.3 2018 Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000601435>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

FILHO. J.R.M.; SARDINHA. J.C.G.; GALBÁN. E.; SARACENI. V.; TALHARI. C.; Efetividade do manejo sindrômico para pacientes do sexo masculino com sintomas de corrimento uretral no Amazonas, Brasil. Nov-dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/abd/a/KQXFNSnt4DNmntJ8yNnFy7F/?lang=en>>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

FREITAS, S.L.S.; GORDIANO, J.M.S.; FRANCA, M.M.F.; Educação em saúde sobre higiene íntima da mulher e infecções sexualmente transmissíveis: relato de experiência. Revista Expressão Católica Saúde; v. 2, n. 2; Jul – Dez; 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40905/1/2018_art_slfsantos.pdf>. Acesso em: 04 de Maio de 2022.

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/pGjVqTxPW4Mhxtp8nyzSgrt/?format=pdf&lang=pt>
Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Ministério da saúde, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist1#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20\(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist1#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada)>. Acesso em: 02 abril de 2022.

Integração Atenção Básica E Vigilância Em Saúde. GUIA POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO BÁSICA. Brasília 2018. Disponível em:<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_politica_nacional_atencao_basica_integracao_atencao_basica_vigilancia_saude_modulo_1.pdf> Acesso em: 01 de maio de 2022.

JÚNIOR. S.B.R.P.; SZWARCWALD. L.C.; JÚNIOR. B.A.; CARVALHO. F.M.; CASTILHO. A.E.; Infecção pelo HIV durante a gestação: estudo-Sentinela Parturiente, Brasil, 2002

LEIROZ. F.P.; ABREU. P. C.; Feminismos como pontos de partilha: comunicação e saúde contra os silêncios. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 289-293, abr./jun. 2021. . Disponível em:< <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/48133/2/2419-9881-1-PB.pdf>> Acesso em: 06 de Junho de 2022.

LUPPI. G.C.; OLIVEIRA. S.L.R.; VERAS. A.M.; LIPPMAN.A.S.; JONES. H.; JESUS. H.C.; PINHO. A.A.; RIBEIRO. C.M.; FILHO. C.H.; Diagnóstico precoce e os fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis em mulheres atendidas na atenção primária. Rio de janeiro. V.45. N 130. Set-2011. Disponível em: <<https://>

www.scielo.br/j/rbepid/a/RQFQ5DWpGFQdmrKVcCtZDJB/?lang=pt > Acesso em: 03 de novembro de 2022.

MAIA C.; GUILHERM D.; FREITAS D.; Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. Ver.Saúde Pública. 2008. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rsp/a/pJfzh9MnXMtBmwjgp44LnSP/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 06 de abril de 2022.

MARINS, C.S.; SILVA, V.O.; JESUS, .T.C.; NASCIMENTO, I.O; Enfermeiras do planejamento familiar frente a vulnerabilidade as IST/HIV: estudo descritivo. Online Brazilian Journal of Nursing. Vol 17. Jan 2018. Disponível em: < <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA586116455&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=16764285&p=IFME&sw=w&userGroupName=anon%7Ecd e27aaa>>.Acesso em: 01 de Maio de 2022.

MARTINS, M. A. S. R. A busca pelo empoderamento feminino ao longo da história e Coco Chanel como ícone das mudanças na vida da mulher do século XX. RPGE– Revista on-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 2, p. 401-422, maio/ago., 2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/Fl%C3%A1via%20Cristina/Downloads/12.2+ARTIGO+Unesp+empoderamento+e+Coco+Chanel+\(revisado+2\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Fl%C3%A1via%20Cristina/Downloads/12.2+ARTIGO+Unesp+empoderamento+e+Coco+Chanel+(revisado+2)%20(2).pdf)>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

MATTEONI. G.C.T.; MAGNO. L.; Fonte habitual de cuidado em saúde e o uso de serviços de saúde sexual e reprodutiva entre mulheres trabalhadoras do sexo no Brasil. São Paulo. Jul-2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/5Q8cxSgTdj8m9LCdKzdttmj/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 03 de novembro de 2022.

MENDES. K.D.S.; SILVEIRA. R.C.C.P.; GALVÃO. C.M.; Revisão integrativa: Métodos de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.Texto Contexto Enferm. Florianópolis, 2008. Out-Dez. 2017. Disponível em:<<file:///C:/Users/User/Downloads/Revis%C3%A3o%20MENDES,%202008.pdf>> Acesso em: 29 de maio de 2022.

MOHERDAUI. F.; VUYLSTEKE. B.; SIQUEIRA. L.; SANTOS. M.Q.J.; JARDIM. M.L.; BRITO. A.M.; SOUZA. M.C.; WILLERS. D.; SARDINHA. J.C.; BENZAKEN. A.S.; RAMOS. M.C.; BUENO. H.; RODRIGUES.L.G.; Validação de algoritmos nacionais para diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis no Brasil: resultados de um estudo multicêntrico.Infecccção por transmissão. Jun- 1998. Disponível em:<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10023352/> > Acesso em: 12 de maio de 2022.

MOURA. O.L.S.; SILVA. M.A.M.; MOREIRA. A.C.A.; FREITAS. L.S.A.; PINHEIRO. B.K.A.; Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Rio de janeiro. . Jul-2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/MPPjTYjH8c6Nb4BwKRMmxhdh/?lang=pt> > Acesso em: 03 de novembro de 2022.

NADAL S.R; CARVALHO J.J.M. Abordagem Sindrômica das Doenças Sexualmente Transmitidas. Rev bras Coloproct. 2004 . Disponível em:< https://www.sbcop.org.br/revista/nbr241/P70_72.htm#:~:text=As%20DST%20genitais%20est%C3%A3o%20distribu%C3%ADdas,perianais%2C%20retites%20e%20verrugas%20perianais.>.Acesso em: 05 de Maio de 2022.

OLIVEIRA, L.L.B.; PESSOA, S.M.P.F.; LUCIANO, J.R.S.; Abordagem das ist por enfermeiro (as): revisão integrativa de literatura. Março, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2017/TRABALHO_EV071_MD1_SA4_ID562_15052017203337.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

OLIVEIRA, S.L.M.; MONTEIRO, M.A.S.; ARAÚJO, A.C.M.; LIMA, C.A.S.F.; BEZERRA, A.K.P.; Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. vol.25, 2021. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000100217>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

Rev. Bras. Enferm. 61 (3) • Jun 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reben/a/r8KTg7hZmqX9NwVhT3hJCQs/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

Rio de Janeiro. Dez-2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/QLqbzQ9jZ3VhZyyGsZCv33C/?lang=pt>> Acesso em: 05 de novembro de 2022.

RUCHE. L.G.; LADNER. J.; LATTIER. R.; DJÉHA. D.; LOUSIE. D.; COULIBALS. I.M.; Vigilância de síndromes de DST: contribuindo para a DST programa na Costa do Marfim. Política e planejamento de saúde. Jan-2001. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/12205092_Surveillance_of_STD_syndromes_Contributing_to_the_STD_programme_in_Cote_d'Ivoire>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

SANTOS, J.S.P.; Atuação do enfermeiro (a) ao portador (a) de ist na atenção básica em um município do recôncavo baiano. 2016. Disponível em: < <http://famamportal.com.br:8082/jspui/bitstream/123456789/191/1/Monografia%20Juliana%20%20da%20Purifica%c3%a7%c3%a3o.pdf> >. Acesso em: 29 de abril de 2022.

SANTOS. S.J.N.; BARBOSA. M.R.; PINHO. A.A.; VILLELA. V.W.; AIDAR. T.; FILIPE. V.M.E.; Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. Rio de Janeiro.2009. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/csp/a/yzrzd4rn3s8CNfvpVcW7S3m/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 04 de novembro de 2022.

Secretaria da Mulher, PLANO NACIONAL POLITICA PARA MULHERES, 2005. Pag. 06, 08, 09. 2005.

SILVA. M.C.; VARGENS. C.M.O. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. Jun-2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gcS8t8qTHH7ZpVJFWsSWhWs/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.

SOUSA L.M. S., MATTEONI T.C. G.; LUPPI C.G.; GRANGEIRO. A.; SZWARCOWALD. C. L.; DOURADO M.I. C.; Fonte habitual de cuidado em saúde e o uso de serviços de saúde sexual e reprodutiva entre mulheres trabalhadoras do sexo no Brasil. 30 de maio de 2022. Disponível em:< http://cadernos.enp.fiocruz.br/csp/pages/iframe_print.php?aid=1529#C12> Acesso em: 30 de maio de 2022.

SOUSA. B.L.; BARROSO. T.G.M.; DST no âmbito da relação estável: análise cultural com base na perspectiva da mulher .Mar-2009.Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/qhRtVs8NB4VXv75hTNTjRgC/?lang=pt>>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.

SOUTO. K.; MOREIRA. R.M.; Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: protagonismo do movimento de mulheres. Saúde Debate. Rio de Janeiro. V.45. N 130. Jul-2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4JncpcMDZ7TQ9Hd7dkMPMpt/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 30 de maio de 2022.

TEIXEIRA. C.J.; DERCHAIN. M.F.S.; TEIXEIRA. C.L.; SANTOS. C.C.; PANETTA. K.; ZEFERINO. C.L.; Avaliação do Parceiro Sexual e Risco de Recidivas em Mulheres Tratadas por Lesões Genitais Induzidas por Papilomavírus Humano (HPV). Rio de Janeiro. 24-Jun-2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/DcyXCCMFg96nSKCMySTsJYz/?lang=pt>> Acesso em: 05 de novembro de 2022.